

COMPREENSÃO DE FONOAUDIÓLOGOS SOBRE DIFICULDADES DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR QUE ATUAM/ATUARAM COM ALUNOS SURDOS

COMPRESIÓN POR PARTE DE LOS LOGOPEDAS DE LAS DIFICULTADES DE LOS PROFESORES DE ENSEÑANZA SUPERIOR QUE TRABAJAN/ACTÚAN CON ALUMNOS SORDOS

SPEECH THERAPISTS' UNDERSTANDING OF THE DIFFICULTIES OF HIGHER EDUCATION TEACHERS WHO WORK/ACT WITH DEAF STUDENTS

¹ Pablo Vinicius do Nascimento Pinto

Fonoaudiólogo, Residente no Programa Multiprofissional em Saúde do Idoso no IMIP, pabloviniciusdonp@gmail.com, orcid.org/0000-0001-7648-795X

² Wanilda Maria Alves Cavalcanti

Pós-Doutora, Universidade Católica de Pernambuco, wanildamaria@yahoo.com, orcid.org/0000-0003-2785-5554

Contato do autor principal:

pabloviniciusdonp@gmail.com

COMPREENSÃO DE FONOAUDIÓLOGOS SOBRE DIFICULDADES DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR QUE ATUAM/ATUARAM COM ALUNOS SURDOS

COMPRESIÓN POR PARTE DE LOS LOGOPEDAS DE LAS DIFICULTADES DE LOS PROFESORES DE ENSEÑANZA SUPERIOR QUE TRABAJAN/ACTÚAN CON ALUMNOS SORDOS

SPEECH THERAPISTS' UNDERSTANDING OF THE DIFFICULTIES OF HIGHER EDUCATION TEACHERS WHO WORK/ACT WITH DEAF STUDENTS

RESUMO

Esta pesquisa é fruto de um trabalho de conclusão de curso de Fonoaudiologia, que realizamos no ano de 2020, na Universidade Católica de Pernambuco em que foi possível trazer questões que foram sendo construídas ao longo de mais de meio século, até a atualidade. O objetivo dessa pesquisa foi analisar dificuldades encontradas por professores de uma Instituição de Ensino Superior (IES), que ensinam/ensinaram alunos surdos, através da visão de fonoaudiólogos, visando sugerir propostas que possam ajudar na sua superação. Adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa, contando com sete docentes que trabalharam/trabalham com estudantes surdos, que

RESUMEN

Esta investigación es el resultado de un trabajo de finalización del curso de Logopedia, que celebramos en 2020, en la Universidad Católica de Pernambuco en el que fue posible traer temas que se han construido durante más de medio siglo, hasta hoy. El objetivo de esta investigación fue analizar las dificultades encontradas por los profesores de una Institución de Educación Superior (IES), que enseñan/enseñan a alumnos sordos, a través de la visión de los logopedas, con el fin de sugerir propuestas que puedan ayudar a superarlas. Adoptamos como metodología la investigación cualitativa, contando con siete profesores que trabajaban/trabajan con alumnos sordos, que respondieron a una

ABSTRACT

This research is the result of a work of completion of the course of Speech Therapy, which we held in 2020, at the Catholic University of Pernambuco in which it was possible to bring issues that have been built over more than half a century, until today. The objective of this research was to analyze difficulties encountered by teachers of a Higher Education Institution (HEI), who teach/teach deaf students, through the view of speech therapists, aiming to suggest proposals that may help to overcome them. We adopted as methodology the qualitative research, counting on seven teachers who worked/work with deaf students,

responderam uma entrevista semiestruturada contendo dez perguntas. Os achados trazidos pelos professores os colocam diante de uma realidade que marcam dificuldades no tocante à comunicação e interação com os alunos surdos, uma vez que o domínio da Libras, ainda é raro. Conclui-se que o Fonoaudiólogo Educacional pode ser um agente facilitador na busca da superação das dificuldades comunicacionais do professor universitário com o aluno surdo.

Palavras-Chave: Fonoaudiologia Educacional, Dificuldades, Surdo, Professor universitário.

entrevista semiestruturada que contenía diez preguntas. As constatações trazidas pelos professores os colocam perante uma realidade que marca dificuldades em matéria de comunicação e interação com os alunos surdos, uma vez que o domínio das Libras é ainda escasso. Concluimos que el Logopeda Educativo puede ser un agente facilitador en la búsqueda de la superación de las dificultades de comunicación del profesor universitario con el alumno sordo.

Palabras-clave: Logopedia Educativa, Dificultades, Sordos, Profesor Universitario.

who answered a semistructured interview containing ten questions. The findings brought by teachers place them before a reality that marks difficulties regarding communication and interaction with deaf students, since the mastery of Libras is still rare. We conclude that the Educational Speech Therapist can be a facilitating agent in the search for overcoming the communication difficulties of the university teacher with the deaf student.

Keywords: Educational Speech Therapy, Difficulties, Deaf, University professor.

INTRODUÇÃO

No Brasil, até o final do século XIX, a Fonoaudiologia não apresentou ações vinculadas à educação. Dentre os anos de 1910 e 1940, identificamos as primeiras ações dentro da área educacional em consonância com a área médica, buscando padronizar a língua aceita para a sociedade da época.

O fonoaudiólogo era conhecido como Logopedista, cuja atuação, inicialmente, buscava corrigir a fala de imigrantes nacionais e estrangeiros que viajavam para o Sul e Sudeste do país, destacando São Paulo como o estado que mais recebeu esses grupos de imigrantes (DIDIER, 2017).

Nessa mesma época, fala do povo nordestino era considerada, naquela ocasião, como uma variação dialetal da região, resultado da falta de escolaridade desse povo, não dando espaço à norma culta, como consequência de condições econômicas precárias que a população vivia, ou seja, era uma fala desprestigiada (DIDIER, 2001).

Assim como foi trabalhado em São Paulo e em outros estados do Sul e Sudeste do Brasil, a Fonoaudiologia, em Pernambuco, buscou também a higienização contra doenças, vícios e promiscuidades na língua. Nessa mesma época, Lacerda e Mantelatto (2000) afirmam que desde os seus primórdios, a Fonoaudiologia esteve também envolvida com questões da surdez, e, em vista disso, o interesse dessa pesquisa surgiu, através da minha vivência em dois anos consecutivos fazendo parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pesquisando na área da Fonoaudiologia Educacional com ênfase em Audiologia Educacional, na Universidade Católica de Pernambuco.

Faz-se necessário trazer um breve relato das filosofias educacionais para surdos. Tais filosofias foram adotadas mundialmente sem do que a primeira definição ocorreu após o II Congresso de Milão que adotou o oralismo como a filosofia que melhor ajudaria o surdo a integrar-se na sociedade. O oralismo é caracterizado, segundo Goldfeld (1998), pela busca da oralidade como forma única de comunicação. O surdo necessita aprender a língua oral de seu país acrescentando que as línguas de sinais são prejudiciais aos surdos, uma vez que ele poderia perder o interesse pela língua oral.

Diante das dificuldades apresentadas pela filosofia oralista para que seus usuários, os alunos surdos, pudessem se comunicar com os ouvintes, surgiu na década de 60, nos Estados Unidos, a filosofia - comunicação total. Essa filosofia lança mão de diversos recursos para facilitar a comunicação do surdo, sendo o bimodalismo a principal proposta, que é a utilização concomitante das duas línguas orais e de sinais, o que foi chamado de bimodalismo. Além dessa posição era possível empregar o pidgin, cued speech, português sinalizado, alfabeto datilológico, escrita, entre outras formas de comunicação, objetivando atingir a oralidade.

Por último, temos a filosofia bilíngue, que segundo Kozlowski (2000), é um enfoque educacional orientado para a educação de surdos brasileiros usuários naturais da língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua (L1). No entanto, a perspectiva bilíngue determina que o emprego da Libras não substitui o uso de Língua Portuguesa, preferencialmente escrita, o que foi apontado artigo 4º - parágrafo único da Lei 10.436\02.

Diante desse cenário, O trabalho que ora desenvolvemos, advém dos resultados da monografia de conclusão do curso de Fonoaudiologia e teve como principal objetivo: analisar dificuldades encontradas por professores de uma Instituição de Ensino Superior (IES), que ensinam/ensinaram alunos surdos, através da visão de fonoaudiólogos que podem sugerir propostas que possam ajudar na sua superação.

Para esse fim, buscamos, coletar dados a partir dos depoimentos dos professores do ensino superior que atuaram e/ou atuam com estudantes surdos matriculados nos diversos cursos, que nos permitam identificar problemas que dificultam a atuação desses profissionais.

Como pretendíamos realizar pesquisa de campo, esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, obtendo aprovação, através do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 35339920.3.0000.5206.

AS PROPOSTAS TEÓRICAS QUE ORIENTARAM A PESQUISA

Como citado anteriormente, a Fonoaudiologia desde o seu início se mostrou entrelaçada com a educação, e o que para nós merece destaque é o retorno às origens dessa ciência com a educação de surdos.

Faz-se necessário que compreendamos a definição de surdez, e para isso adotamos a definição proposta pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2006 que diz: “a surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons”.

Sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional nas frequências de 500 – 1000 – 2000 hertz, para o melhor ouvido. Para compreensão de perdas adutivas maiores, acrescentamos a fala de Lopes, Munhoz e Bozza (2015) em que descrevem a perda severa como a que se consegue ouvir palavras em voz gritada próximo à melhor orelha em intensidades ente 71 a 90 dB nas frequências de 500 – 1000 – 2000 hertz , já na perda profunda incapaz de ouvir e entender mesmo em voz gritada na melhor orelha em intensidades ≤ 91 dB nas frequências de 500 – 1000 – 2000 hertz, que em sua maioria encontram-se ausentes nos exames audiológicos, dificultando a aquisição da linguagem oral.

A participação da Fonoaudiologia na área educacional, segundo Santana e Soltosky (2014), torna-se necessária pela presença de questões linguísticas e de aprendizagem, que demandam reflexões e ações a partir de um conhecimento específico, uma vez que segundo a cartilha denominada “Contribuição da Fonoaudiologia para o SUS” do Conselho Federal de Fonoaudiologia, (2015, p 05) diz que em âmbito educacional, o fonoaudiólogo deve colaborar no processo de ensino- aprendizagem por meio de programas educacionais de aprimoramento das situações de comunicação oral e escrita

em Língua Portuguesa, e, também por meio da Libras, como meios para reduzir os problemas de aprendizagem.

A educação de surdos, segundo nos mostra Rocha *et.al* (2016), que aconteceram várias mudanças ao longo dos anos, havendo migração de um modelo segregacionista para uma abordagem integracionista e desde o final do século passado para o modelo inclusivo. Outrossim, para que houvesse essa mudança, os autores acima mencionados (2016) nos dizem que houve marginalização das pessoas surdas, principalmente usuárias de Libras, que foram fortemente marcadas ao longo da história por políticas que pouco levavam em conta as diferenças linguísticas desses sujeitos.

Rocha *et.al* (2016), nos trazem dados do censo do ano de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Educação Superior, quantificando as pessoas com deficiência auditiva e surdas no grupo de pessoas público-alvo da Educação Especial (PPAEE), que percentualmente equivalem a 29,36%. Outro dado importante para se enfatizar, no Brasil, é que as pessoas surdas e com deficiência auditiva representam paridade na educação privada e pública no nível superior, não quantitativamente, mas, sim em frequência relativa, demonstrando assim que a Educação Superior pública tem adotado medidas para possibilitar que o público dessa modalidade chegue aos ambientes acadêmicos.

Podemos salientar que no mesmo estudo, a Região Nordeste do Brasil tem o percentual de surdos no Ensino Superior maior que a média nacional, o que traz mais responsabilidade e chamamento para que os fonoaudiólogos procurem ficar atentos ao que pode ser feito com a finalidade de melhorar a aprendizagem desses alunos, através da presença, com qualidade, dos seus professores.

Tratando-se de ensino superior, devemos lembrar que há uma quantidade bastante limitada de estudos que contribuam para uma nova postura desses profissionais frente às dificuldades e possibilidades demandadas pela presença de estudantes surdos nesse nível de ensino.

Para tanto, é fundamental que existam esses profissionais nas equipes de apoio pedagógico, como nos dizem Santana e Soltosky (2014). As autoras (2014) ainda enfatizam a necessidade de fonoaudiólogos durante o processo do vestibular para alunos que requerem vestibular especial, por possuírem diagnóstico de dislexia, surdez, etc.

Nesse contexto, o fonoaudiólogo poderá criar estratégias e discutir condições para o aluno surdo universitário diante de dificuldades de linguagem que possam apresentar. A participação do fonoaudiólogo também é de grande importância junto aos professores, pois tais trabalhos possibilitarão uma mudança de hábitos inadequados que possam ser prejudiciais à atuação do professor, como por exemplo, o uso incorreto da voz.

Para Coelho (2017), o profissional de Fonoaudiologia deve ir além de apenas prevenir

distúrbios. O profissional da comunicação também deve participar dos problemas e soluções da comunidade docente e discente, tendo como objetivo prestar assistência em vista da redução dos riscos de doença e o acesso universal e com equidade diante da promoção, proteção e recuperação da saúde, obtendo assim, melhoria de qualidade de vida.

Não se tratam apenas de ações voltadas para o professor, mas o fonoaudiólogo pode apoiá-lo para melhorar sua comunicação com o estudante surdo seja oral/escrita, empregando a Libras como mediação para a aprendizagem da língua portuguesa.

O profissional de Fonoaudiologia tem conhecimento teórico e prático sobre os processos de aquisição de linguagem e seus distúrbios. A Libras por se tratar de uma língua, reconhecida pela Lei 10.436/02 além de orientar no capítulo 4º, o ensino obrigatório dessa língua, nos cursos de formação em Educação Especial, Fonoaudiologia e Licenciaturas, no seu parágrafo único determina que” A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”.

Através do Decreto 5.626/05, consta que essa língua deve ser inserida obrigatoriamente, nesses cursos citados acima. De acordo com Autor (2019) a Libras se constitui como sua língua natural e a Língua Portuguesa (LP) na sua modalidade escrita é a língua com a qual vão se comunicar com o mundo ouvinte, uma vez que vivenciam uma situação bilíngue.

Pereira (2000) traz características sobre a linguagem e surdez, a língua de sinais no Brasil, assim como em todos os países é produzida com as mãos, embora o movimento do corpo e da face tenha grandes contribuições e diferentes funções, por se tratar de uma língua gestual-visual, uma vez que a Libras também está atrelada aos movimentos corporais e expressões faciais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais contêm os mesmos princípios estruturais que as línguas orais, apresentando na sua estrutura os mesmos sistemas linguísticos dessas línguas orais.

A introdução da Libras como disciplina curricular no Ensino Superior trouxe mais do que o ensino de uma língua, pois há a necessidade de que todos os envolvidos nessa aprendizagem compreendam as especificidades do Surdo, não apenas com relação à sua língua, mas também com relação à sua cultura e forma de estar na sociedade.(MOURA e HARRISON, 2010).

Ao tratarmos das dificuldades dos professores de ensino superior que lecionam ou lecionaram para alunos surdos e as possibilidades de superação na visão dos fonoaudiólogos, trazemos como achado principal, a monografia de Rocha (2014).

O tema tratado nessa pesquisa era do meu interesse, pois já havia pensado no que poderia fazer, trazendo como benefício para o aluno surdo participante de turmas inclusivas no Ensino Superior.

Nesse estudo feito com professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) trás uma pesquisa com nove (09) participantes que são professores de ensino superior e lecionam para

alunos surdos, tendo como objetivo analisar a inclusão desses estudantes.

Os participantes dessa pesquisa apontaram como dificuldade a grande quantidade de alunos em sala de aula, uma vez que não há restrições no que se refere ao quantitativo de alunos em sala de aula, quando há um aluno surdo.

Outras dificuldades apontadas foram:

- 1- Possibilidade de transmitir conhecimentos necessários para o aprendizado do aluno surdo;
- 2- Manter a atenção do aluno surdo durante a aula;
- 3- Receptividade do aluno surdo;
- 4- O modo que o aluno surdo reage em relação as suas próprias dificuldades;

Sabemos que a grande maioria dos fonoaudiólogos não é usuário da Libras, e, muito menos a filosofia que norteia os investimentos educacionais que devem ser feitos, trazendo o bilinguismo, adotado no Brasil e na maioria dos países do mundo, como principal condição para que de acordo com a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05 orientam os trabalhos educacionais.

De acordo com a filosofia bilíngue adotada no Brasil não há proibição da comunicação oral por surdos, embora, haja a recomendação para o uso da Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa preferencialmente escrita, para os estudantes surdos, como segunda língua. Segundo Svartholm (2014), na Suécia, atualmente, pessoas que possuem implante coclear e/ou aparelho de amplificação sonora individual são orientadas para aprender Libras mesmo que sejam educadas na perspectiva oralista, para se comunicar com seus pares.

As fonoaudiólogas Giammellaro, Gesueli e Silva (2013), informam que a abordagem bilíngue considera o canal viso-gestual fundamental para a aquisição de linguagem do surdo e, ainda, contrapõe-se à Comunicação Total ao preservar um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional, defendendo a ideia de que cada uma das línguas apresentadas ao surdo deve manter suas características próprias.

Segundo a educação bilíngue para surdos e tendo em vista o ponto central do nosso estudo, devemos trazer alguns aspectos da inclusão dos surdos dentro das universidades, e um estudo feito por Moura e Harrison (2010), traz alguns pontos que passaremos a explicitar a seguir.

A partir do momento que há um aluno surdo em sala inclusiva, caso o professor não seja bilíngue, e por esse motivo conte com a presença do TILSP começa a existir uma dependência desses últimos (Tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa - TILSP) no caso de alunos ouvintes e Surdos na mesma sala, segundo Moura e Harrison (2010), o que acontece é a integração maior entre eles do que com os alunos ouvintes, o que é perfeitamente natural.

Também corroboramos com o pensamento de Santana (2016) quando nos diz que as políticas educacionais para surdos, no Brasil, têm ampliado o encaminhamento para fornecer assistência ao

surdo bilíngue e/ou oralizado, através de ações conjuntas da equipe multiprofissional. Outrossim, essa autora salienta que, infelizmente, o surdo universitário tem ingressado no Ensino Superior com dificuldades no que tange a língua portuguesa na modalidade escrita e de um modo geral em outras áreas por problemas de avaliação que muitos professores parecem dirigir atividades diferenciadas ao surdo sendo mais condescendentes com esses alunos no momento da correção.

A dificuldade apresentada pelo surdo pode ser motivada também pela formação do professor que parece desconhecer as características linguísticas desse aluno, prejudicando o rendimento desses alunos em sala de aula, pois de acordo com a autora (2016), de um modo geral, aponta dificuldades relacionadas à didática dos professores, dificuldade de produção e interpretação textual de gêneros secundários e a falta de TILSP nas salas de aula.

Finalizando este diálogo entre teóricos, optamos em trazer a fala de Nascimento e Nascimento (2014) que fizeram uma pesquisa qualitativa bibliográfica abordando os aspectos dos surdos dentro do meio acadêmico, tendo como enfoque a importância de discutir melhores formas de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior para garantir o direito de uma educação com qualidade para todos.

Portanto, tendo como propósito tentar contribuir para o melhor desempenho de professores de IES, e conseqüentemente, de estudantes surdos nesse nível de estudos, esperamos identificar algumas posições que podem ser modificadas na medida em que haja um movimento motivador para alunos surdos e professores no sentido de se capacitarem devidamente para o trabalho nessa função. Esse é o principal motivo de buscar conhecer mais de perto a realidade de professores de uma instituição de ensino superior da cidade do Recife.

METODOLOGIA

A nossa opção para este trabalho foi a pesquisa qualitativa que, segundo Deslandes (2004), não se baseia no critério numérico para poder garantir sua representatividade. A pesquisa qualitativa busca considerar a parte subjetiva do problema, ou seja, ela é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser enumerados. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos, segundo Silveira e Córdova (2009), buscam explicar o(s) motivos(s) das coisas, exibindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Tivemos como participantes da pesquisa 07 (sete) professores da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP que ensinam ou ensinaram para alunos surdos. Para tanto, fez-se necessário envio do projeto para o Comitê de Ética da referida universidade. Após a avaliação e conseqüente

autorização desse Comitê, realizamos um levantamento de professores que atuaram ou atuam juntos a alunos surdos na instituição onde se realizou a pesquisa, ocorrendo em seguida o contato com os voluntários sobre a participação de cada um na pesquisa com a finalidade de combinar horário e local para a realização da entrevista.

A análise dos dados, reunidos do relato dos entrevistados, foi inspirada em Bardin (2011) e sua análise de conteúdo, construindo as categorias a partir da pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao recolhermos os dados sobre os professores, entre os sete participantes desta da pesquisa, seis são do sexo feminino e um é do sexo masculino, sendo ele P3.

Referentes à formação, dos sete participantes, quatro têm a formação em Fonoaudiologia, um tem formação em Letras, outro em Arquitetura e o sétimo formado em Direito.

Para finalizar, na pergunta feita sobre o tempo de atuação docente, quatro sujeitos relatam ter formação superior a dez anos, sendo três desses sujeitos com atuação docente superior a 30 anos e por fim, há três docentes com o tempo de atuação em salas de Ensino Superior menor a dez anos.

Segue abaixo o recorte de algumas das questões aplicadas aos professores entrevistados e inspiradas em Rocha (2014):

1. Teve alguma formação e/ou capacitação em educação especial/inclusiva?

Quadro 1 – Respostas de dados dos professores referentes a formação e/ou capacitação em educação especial/inclusiva

FORMAÇÃO OU CAPACITAÇÃO	PROFESSORES
Cursaram	P2 e P3
Não cursaram	P1, P4, P5, P6 e P7

É possível notar que apenas dois dos entrevistados com capacitação e/ou formação em educação especial/inclusiva. Os demais entrevistados relatam não possuir tal certificação. Ao longo da entrevista, abordam como têm feito suas aulas, sendo o tempo de atuação docente, o pilar para traçar estratégias que ajudam na superação das barreiras encontradas desde o início, principalmente pelo auxílio de tradutores/intérpretes de Libras (TILSP). Em vista disso, corroboramos quando Santa (2016) no diz que: “A dificuldade apresentada pelo surdo pode ser motivada pela formação do professor que parece desconhecer as características linguísticas desse aluno, prejudicando o rendimento do mesmo em sala de aula”.

2. Teve alguma formação e/ou capacitação em Libras?

Quadro 2 – Respostas de dados dos professores referentes à formação e/ou capacitação em Libras

FORMAÇÃO EM LIBRAS	PROFESSORES
Sim, tivemos	P2, P3, P4 e P7
Não, tivemos	P1, P5, P6

Dentre os achados, é válido salientar dois pontos, a saber: o primeiro é o fato de P2 ter a graduação em Letras/Libras, tendo proficiência nessa língua o que certamente a distingue dos demais facilitando a comunicação e a transmissão do conhecimento para esse aluno surdo. O segundo ponto que vale ser destacado, é que P4 nos diz que não tem formação em Libras, embora na questão seguinte, relate que há um tempo fez um curso de Libras e começou a esquecer do léxico, pela falta de uso da língua. Os demais não têm a formação e/ou capacitação em Libras e para o seu trabalho com os surdos são auxiliados por TILSP. Alguns comentaram (P1, P5 e P6) que às vezes no contato com esses alunos usam figuras e escrita.

3. Você consegue se comunicar com o aluno surdo? Em caso positivo como tem feito?

Quadro 3 – Respostas dos professores entrevistados sobre sua comunicação nas aulas com os estudantes surdos.

Nº	CATEGORIA	PROFESSORES	OBS
01	Sim. Se o surdo fizer leitura orofacial.	P1, P4 e P5	
02	Sim, em Libras	P2, P7	P7 diz fazer uso da Libras com limitações.
03	Sim, mas nas aulas conto com o tradutor/intérprete de Libras.	P3	
04	Escrita e uso de figuras.	P6	

Observamos pelas respostas que apenas um dos professores, P2, consegue se comunicar com o surdo, em todos os momentos. Os demais podem fazê-lo se o estudante surdo for capaz de realizar a leitura orofacial e/ou tiverem o apoio do TILSP, além do uso da escrita, figuras ou os TILSP para que haja a comunicação. De acordo com teóricos deste trabalho esta é a realidade da grande maioria dos professores do Ensino Superior que não tiveram na sua formação inicial e/ou continuada, o ensino da Libras para uma comunicação fluente com esse aluno surdo, ou conheçam as necessidades do surdo,

embora P3 e P4 tenham feito cursos.

4. Sente-se preparado para trabalhar com alunos surdos? Sim? Não? Por quê?

() Sim () Não

Quadro 4 – Respostas sobre como avaliam sua preparação para trabalhar com estudantes surdos

Nº	CATEGORIAS	PROFESSORES	OBS
1	Poderia trabalhar com surdos, em parte, pois sempre procurei incluí-los. No entanto, se tiver um TILSP, ou os surdos forem oralizados, facilita muito.	P1, P4	
2	Sim, preparado, pelas vivências pessoais e profissionais, embora ainda tenha necessidade do TILSP, nas aulas.	P3, P6, P7	
3	Sim, me sinto totalmente, preparada pelas vivências pessoais e profissionais que me ajudam a compreendê-lo.	P2	
4	Não me sinto preparada, pois, nunca fiz nenhuma capacitação para isso.	P5	

As respostas dessa questão nos mostra que temos apenas P2 que se considera totalmente preparada para atuar junto aos estudantes surdos, por ser fonoaudióloga, uma vez que desde a formação inicial, teve contato com o tema da educação de surdos, pois participou de cursos de bastante sólidos. É fluente em Libras. Vale acrescentar que ao responder a pergunta os dados referentes à formação, do total de 7 entrevistados 4 são fonoaudiólogos o que lhes permitiram pela existência de disciplinas obrigatórias, uma boa base teórica, na formação inicial.

Nota-se que pelo menos o olhar inclusivo ajuda na melhoria da autoestima desse estudante o que pode motivá-lo para os estudos. Era de se esperar que alunos do Ensino Superior tivessem um bom domínio da língua portuguesa, o que não ocorria com a maioria deles.

As questões que serão apresentadas em seguir abordam aspectos relacionadas à questão comunicacional e inclusiva na visão dos professores:

5. Assinale com um “X” quantas respostas achar conveniente

Quais as estratégias que você julga importantes para ensinar um aluno surdo?

- () Atendimento individualizado. **P1, P5, P6, P7**
- () Auxílio na execução das atividades. **P5, P6, P7**
- () Aproximação constante com o aluno. **P1, P3, P4, P6, P7**
- () Emprego de trabalhos em grupo. **P1, P3, P6, P7**
- () Uso de material visual. **P1, P3, P4, P5, P6, P7**
- () Trabalhos com textos mais curtos e de fácil compreensão **P1, P3, P4, P5, P6**

Outra(s). Qual(is)?

Quadro 5 – Respostas dos professores sobre estratégias utilizadas no ensino para alunos surdos

ESTRATÉGIAS	PROFESSORES	OBS
Procuram individualizar o atendimento	P1, P5, P6 e P7	
Auxiliam na execução das atividades	P5, P6 e P7	
Procuram aproximação constante com o aluno	P1, P3, P4, P6 e P7	
Emprega trabalhos em grupo	P1, P3, P6 e P7	P3 enfatiza que o trabalho em grupo é dado para todos os alunos, sejam uma turma totalmente ouvinte ou com alunos surdos.
Uso de material visual	P1, P3, P4, P5, P6 e P7	
Trabalhos com textos mais curtos e de fácil compreensão. Outros/Quais?	P1, P3, P4, P5 e P6	

Quatro dos sete professores (P1, P5, P6, P7) relatam fazer atendimento individualizado, algo que demonstra disponibilidade para o aluno surdo, ação essa que também deve ocorrer com o aluno ouvinte.

No tocante ao auxílio de execução de atividades, três (P5, P6, P7) dos sete participantes disseram praticar essa estratégia. Importante registrar que quase todos já, fazem o atendimento individualizado.

Na aproximação constante com o aluno, cinco (P1, P3, P4, P6, P7) dos sete professores entrevistados relataram fazer essa aproximação, algo que a nosso ver contribui com a sociabilização do aluno com o professor e um meio do professor conhecer o aluno para uma melhor didática.

Em relação ao emprego de trabalho em grupo, quatro (P1, P3, P6, P7) dos sete professores relatam fazê-lo, como um ponto positivo, pois gera sociabilidade na sala.

Quanto ao uso de material visual, apenas um dos professores (P2) deixou de mencionar o emprego dessa estratégia que é sugerida pela totalidade dos pesquisadores da área, uma vez que esta condição representa uma das características da aprendizagem facilitando a compreensão do aluno surdo.

Três (P4, P5, P6) dos sete professores relatam usar trabalhos com textos mais curtos e de fácil compreensão, algo que se torna objetivo até para alunos ouvintes, não gerando fadiga mental e incompreensão aos alunos como um todo. Nesse caso se é para todos está muito bem, pois se tratam de alunos do Ensino Superior, no entanto se a adoção de textos mais curtos somente para os surdos, uma vez que não se justifica esse tratamento, ao contrário dificulta a expansão do pensamento, compreensão textual, etc.

6. Como você percebe a inclusão dos alunos surdos na sua turma?

Respostas dos professores entrevistados sobre a inclusão de alunos surdos em sua turma.

Para finalizar nossas discussões, percebemos que dentro das respostas, os professores falam sobre a importância da inclusão dos alunos surdos em suas turmas, pois gera receptividade e colaboração com os demais alunos ouvintes e muitas vezes a busca dos demais alunos para aprender Libras.

Podemos também enfatizar o relato de um dos entrevistados que afirmou que seus alunos surdos eram oralizados, algo que facilitou a inclusão com os demais alunos ouvintes. Os colegas ouvintes, geralmente são muito solidários e muitas vezes servem de agentes comunicadores entre o aluno surdo e o professor, como afirmou outro participante da pesquisa, que os alunos ouvintes buscam ficar disponíveis para ajudar o aluno surdo, na busca que eles, alunos surdos, ganhem em desenvolvimento e autonomia.

Observamos que nessa resposta, os professores se posicionaram positivamente sobre a inclusão de alunos surdos nas salas e/ou cursos, independente da formação que tiveram e da disciplina(s) que ensinam.

Por termos vivenciado o período de pandemia do novo Corona vírus tornou-se impossível fazer o contato e entrevistar professores presencialmente. Diante desse motivo, todos os convites e as

entrevistas foram realizados remotamente.

Diante dessas respostas nos pareceu que a formação em Fonoaudiologia oferece melhores condições na formação inicial para trabalhar com os alunos surdos, que outras graduações. O número de disciplinas voltadas para esse tema é um pouco maior e parecem despertar o maior interesse dos alunos do curso, motivando-os para buscar mais alternativas para conhecer e poder atuar nessa área de acordo com o currículo da IES pesquisada. Coincidentemente, a maioria dos professores que atuam nas aulas das quais constam alunos surdos tem formação em Fonoaudiologia, o que parece ter ajudado na análise das dificuldades que eles apresentaram.

Como alternativas para minimizar os efeitos dessas dificuldades podemos propor oficinas, rodas de conversa, *lives* para os professores tendo em vista o preenchimento de lacunas de sua formação inicial, especialmente no que se refere às características das necessidades dos surdos, como também ajuda no trabalho com a Língua Portuguesa como L2, a Libras como mediação para uma melhor compreensão do texto abordado o que provavelmente não foi contemplada na sua formação e de questões relacionadas com a comunicação seja escrita ou oral.

CONCLUSÕES

Os achados trazidos pelos professores nos colocam diante de uma realidade que marca dificuldades no tocante à comunicação e interação com os alunos surdos, uma vez que o domínio da Libras, ainda é raro dentre os professores. No entanto, nesse estudo alguns dos professores relatam ter feito curso de Libras, mas por conta da falta de uso, têm perdido o léxico. Apenas um deles, afirma que além de ser fluente nessa língua, tem condições de atuar junto a esse estudante em todos os momentos, pelo seu conhecimento das especificidades do surdo.

Apesar de não existir uma comunicação direta, pois poucos são os surdos universitários que se comunicam oralmente, o acolhimento deles pela maioria dos entrevistados, é muito bom, uma vez que procuram incluí-los no grupo maior de alunos, não apenas socialmente, mas ajudando-os na aquisição do conhecimento. Esse posicionamento constitui-se um grande mobilizador de suas ações, mesmo sabendo que em algumas delas, não obtenha o sucesso esperado, mesmo contando com a presença do tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa (TILSP).

As relações com o TILSP se constituem de significativa valia para que a interação entre esses dois profissionais possa resultar em um dado da maior importância para o bom andamento da aprendizagem em sala de aula. Apesar desse destaque para tal importância, um desses profissionais afirma não ter conhecimento de que seria importante repassar o planejamento de aula para o TILSP antes que a mesma seja ministrada. São ações pontuais, mas que tem um efeito significativo no bom andamento das ações no cotidiano das aulas destacando o desconhecimento em torno de ações que

são fundamentais para a aprendizagem do surdo.

É importante salientar ainda que a maioria dos professores não considera que há efetividade na aprendizagem de muitos surdos, dito por uns que é motivada pela fraca preparação nos anos anteriores que não possibilitou uma boa base e desse modo a dificuldade somente se acentua, com o que concordamos. Essa constatação é referida por outros profissionais e objeto de pesquisas a fim de buscar reverter, quem sabe, a médio prazo tal situação. Essa constatação representa uma enorme lacuna na vida e nas aprendizagens desse aluno, que precisa ser modificada face ao que representa não possuir o conteúdo correspondente ao que aquela disciplina sugere, mesmo contando com algumas das condições essenciais para a aprendizagem.

A situação de pandemia prejudicou mais ainda as relações que aconteciam remotamente, dificultando a possibilidade de troca de experiências entre professores e TILSP, em prol desse aluno.

Dentre as dificuldades já comentadas anteriormente e acrescidas de mais algumas como sejam: ¹ fragilidade da educação recebida durante a vida acadêmica ; ² O grande número de alunos ouvintes em sala de aula.

Diante de algumas dessas dificuldades sugerimos empregar estratégias descritas como: individualizar o ensino: auxiliar na execução de atividades, trabalhos em grupo, uso de material visual. No entanto, outras ações ainda podem ser sugeridas nas quais o fonoaudiólogo pode trazer menos dificuldades para os docentes e seus alunos sejam eles surdos /ou ouvintes, a saber:

- Ativação da legenda automática enquanto o professor da aula por meios remotos, facilitando a compreensão do aluno, caso haja problemas na conectividade do TILSP ou no áudio do professor.
- Cursos de aperfeiçoamento oferecidos pelo curso de Fonoaudiologia da instituição, no intuito de levar aos professores mais informações sobre a surdez, Libras e processos linguísticos que envolvam o bilinguismo para surdos, assim como noções sobre aparelhos de amplificação sonora ou implante coclear, caso o surdo faça uso.
- Colaboração entre os cursos de Fonoaudiologia e Pedagogia da instituição, criando um possível projeto de extensão na busca de traçarem rotas e estratégias facilitadoras para o ensino de alunos surdos, a fim de buscar esclarecer questões relacionadas com a língua(gem) e suas diversas aquisições.

Dizendo de outro modo, o que podemos e devemos comentar traz reflexões que podem provocar alguma mudança o que já representa uma nova fase na vida de professores, fonoaudiólogos e estudantes universitários ouvintes ou surdos.

A pesquisa nos possibilitou refletir sobre a necessidade de criar ações interdisciplinares no sentido de ampliar a formação dos professores universitários. Como fonoaudiólogos educacionais devemos participar das ações que sugerimos acima, trabalhando juntamente com a equipe pedagógica

de acessibilidade, para que parafraseando o que Rocha (2014) apresenta na sua monografia possamos oferecer uma melhoria de condições de acesso e permanência dos surdos na universidade.

Por fim, este trabalho mostra a importância do levantamento de dificuldades que professores universitários apresentam em relação ao ensino de alunos surdos, podendo ser uma realidade de outras instituições, sendo o profissional de Fonoaudiologia um agente facilitador na busca da superação das dificuldades comunicacionais do professor universitário com o aluno surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei no 10.436**, de 24 de abril de 2002. Lei que Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso: 12 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão, dificuldades de comunicação e sinalização** – 4a ed. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Conselho Federal de Fonoaudiologia: **Atuação do fonoaudiólogo educacional: guia norteador**, 2016. Disponível em: <<https://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2013/07/guia-norteador.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

COELHO, A.C.L. Estratégias de atuação fonoaudiológica no ensino universitário. In: DANTAS, C.R.V e ALVES, I.M.C. **Fonoaudiologia Educacional: da teoria à prática**. 1.ed. Recife: EDUPE, 2017.

DESLANDES, S.F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

AUTOR, 2019.

DIDIER, M.G.S.L. **Fonoaudiologia: sua história em Pernambuco**. São Paulo: PUC-SP/UNICAP, 2001.

DIDIER, M.C. A trajetória da fonoaudiologia educacional no Brasil. In: DANTAS, C.R.V e ALVES, I.M.C. **Fonoaudiologia Educacional: da teoria à prática**. 1.ed. Recife: EDUPE, 2017.

GIAMMELARO, C.N.F; GESUELI, Z.M; SILVA, I.R. A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda. São Paulo: **Revista Educação e Sociedade**, 2013.

GOLFELD, M. Surdez. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1998.

KOZLOWSKI, L. A educação bilíngue-bicultural do surdo. In: LACERDA, C.B.F et.al (Orgs): - **Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngue**. São Paulo: Plexus, 2000.

LACERDA, C.B.F; MANTELATTO, S.A.C. As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica. In: LACERDA, C.B.F et.al (Orgs): **Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngue**. São Paulo: Plexus, 2000.

LOPES, A.C; MUNHOZ, G.S; BOZZA, A; Audiometria Tona Limiar e de Altas Frequências. In: BOÉCHAT. E.M. *et.al* (Orgs): **Tratado de Audiologia** – 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

MOURA, M.C; HARRISON, K.M.P. A INCLUSÃO DO SURDO NA UNIVERSIDADE – MITO OU REALIDADE? Santa Catarina: **Cadernos de Tradução**, 2010.

PEREIRA, M.C.C. A língua de sinais na educação de surdos. In: LACERDA, C.B.F; NAKAMURA, H; LIMA, M.M. **Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngue**. São Paulo: Plexus, 2000.

QUADROS, R.M; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileiras: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, B.C. **O olhar do professor universitário em relação à inclusão do aluno surdo na Educação Superior**. 58p. (Trabalho de conclusão de curso – Fonoaudiologia) Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

ROCHA, L.R.M et.al. Panorama da educação de surdas e deficientes auditivos no Brasil: da educação básica à educação superior. In: ROCHA, L.R.M; OLIVEIRA, J.P; REIS, M.R (Orgs): **Surdez, educação bilíngue e Libras: perspectivas atuais**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

SANTANA, A.P.O; SOLTOSKY, M. Atuação fonoaudiológica na educação. In: MARCHESAN, I.Q; SILVA, H.J; TOMÉ, M.C (Orgs): - **Tratado das especialidades em fonoaudiologia**. 1.ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2014.

SANTANA, A.P. A INCLUSÃO DO SURDO NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL. Estados Unidos da América: **Journal of Research in Special Educational Needs**, 2016.

SILVEIRA, D.T; CÓRDOVA, F.P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D,T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SVARTHOLM, K. **35 anos de Educação Bilingue de surdos – e então?** Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, 2014

Submetido em: 15.10.2020

Aceito em: 05.12.2020

Publicado em: 30.04.2022

Avaliado pelo sistema
double blind review